

CIDADE E CULTURA LOCAL: Relação entre a Geografia Escolar e a valorização do mundo vivido

Eduardo Oliveira Miranda

Professor - Universidade Estadual da Bahia
eduardomiranda48@gmail.com

Hellen Mabel Santana Silva

Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade – Universidade Estadual de Feira de Santana
hellenmabelss@gmail.com

Resumo

A escola deve ser entendida como uma instituição social composta pela diversidade cultural. Cabe aos educadores desenvolverem conteúdos e metodologias que facilitem a aproximação dos educandos com essa diversidade. Com a intensificação da globalização e o advento da pós modernidade percebeu-se uma mudança na formação da identidade dos nossos jovens, já que esses possuem maior acesso às informações de outras partes do globo. Em detrimento, a cultura local teve a sua valorização reduzida ou até mesmo aniquilada. Com base nessa constatação, desenvolvemos o presente trabalho com o intuito de investigar a percepção dos alunos do ensino fundamental acerca da cultura de Feira de Santana.

Palavras chave: Geografia Escolar, Diversidade Cultural, Cidadania.

CITY AND LOCAL CULTURE: Relationship between school geography and valuation of world-lived

Abstract

The school should be understood as a social institution composed by cultural diversity. It is up to educators to develop content and methodologies to facilitate the approach of the students with this diversity. With the intensification of globalization and the advent of postmodernity modified to formation of the identity of our young people, since these have greater access to information from other parts of the globe. Rather, the local culture had their reduced or even annihilated appreciation. Based on this finding, we developed this study in order to investigate the students' perception of fundamental about the culture of Feira de Santana education.

Key words: School Geography, Cultural Diversity, Citizenship.

Recebido em 29/08/2014 / Aprovado para publicação em 01/11/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.20, p. 85-97, nov/2016.

Introdução

A Geografia Escolar tem como pressuposto formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de entender que os mesmos fazem parte da construção do espaço que os circundam. Cada indivíduo tem a sua participação na construção do espaço geográfico, visto que todas as atividades que realizamos no decorrer do dia implicam no fazer geográfico.

Enquanto mediadores da construção do raciocínio crítico os educadores devem utilizar uma metodologia que facilite aos seus educandos a entenderem que o simples percurso da sua residência até a sala de aula já o torna um ser atuante na reprodução do espaço. Trata-se de guiar os estudantes no reconhecimento do seu papel social no espaço em que vive¹.

Questões que valorizem o cotidiano são de suma importância no processo de aprendizagem dos conceitos geográficos, pois a relação com o local permite que os alunos apliquem no seu lugar de vivência os assuntos trabalhados na sala de aula. Ademais, a aprendizagem torna-se significativa, ganhando um sentido efetivamente contributivo para sua formação.

Nessa discussão acerca da valorização do “lugar vivido” ou “mundo vivido”², sobretudo no presente artigo, destacamos a necessidade de trabalhar com o espaço urbano, mais precisamente com a cidade e sua dinâmica. Destarte, realizamos um levantamento bibliográfico e constatamos que autores da Geografia como Cavalcanti (2001) e Carlos (1999) abordam de maneira específica a (re)produção do espaço urbano.

O presente trabalho tem como objetivo investigar o conhecimento dos alunos do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública, acerca da materialização da cultura no espaço urbano de Feira de Santana, Bahia (Fig. 1). Para tal, seguimos etapas metodológicas³ de investigação que incluíam questionário com questões relacionadas à cultura e (re)produção do espaço urbano, bem como posterior análise dos dados obtidos.

Figura 1: Município de Feira de Santana – BA.



Fonte: OLIVEIRA, Luciel Passos.

O município de Feira de Santana localiza-se a leste do estado da Bahia, numa área denominada de agreste baiano. Tem a sua origem com a construção de duas capelas nas terras da fazenda Sant'Ana dos Olhos d'Água, de propriedade do casal Domingos Barbosa Brandão e Ana Brandão, fazenda localizada na “estrada das Boiadas, três léguas ao sul do arraial de São José das Itapororocas” (POPPINO, 1968, p.19). Essa localidade servia de ponto de encontro entre os viajantes que se deslocavam pelo interior do nordeste brasileiro, sobretudo, por tropeiros que comercializavam produtos oriundos do alto sertão baiano.

Ao entorno das capelas de Santa Ana e de São Domingos ocorria toda segunda-feira a comercialização entre os viajantes e os moradores das fazendas vizinhas. A atividade comercial logo despontou o que favoreceu a ampliação territorial e o povoamento das terras da fazenda, principalmente, com a construção de casas de pedras. Com a expansão comercial e populacional, a pequena cidade recebeu investimentos com a construção de estradas para o transporte de animais, produtos agrícolas, transporte populacional e acesso a outras regiões do país.

É inquestionável que Feira de Santana, desde o seu início, possui vocação comercial. Esse foi o fator decisivo no seu desenvolvimento, já que a aristocracia do gado feirense ao perceber a ascensão comercial resolveu povoar aquelas terras com investimento político em obras de adequação urbana. Decisões estabelecidas nos séculos XIX e XX podem ser constatadas atualmente, como afirma Azevedo e Oliveira (2011, p.1832):

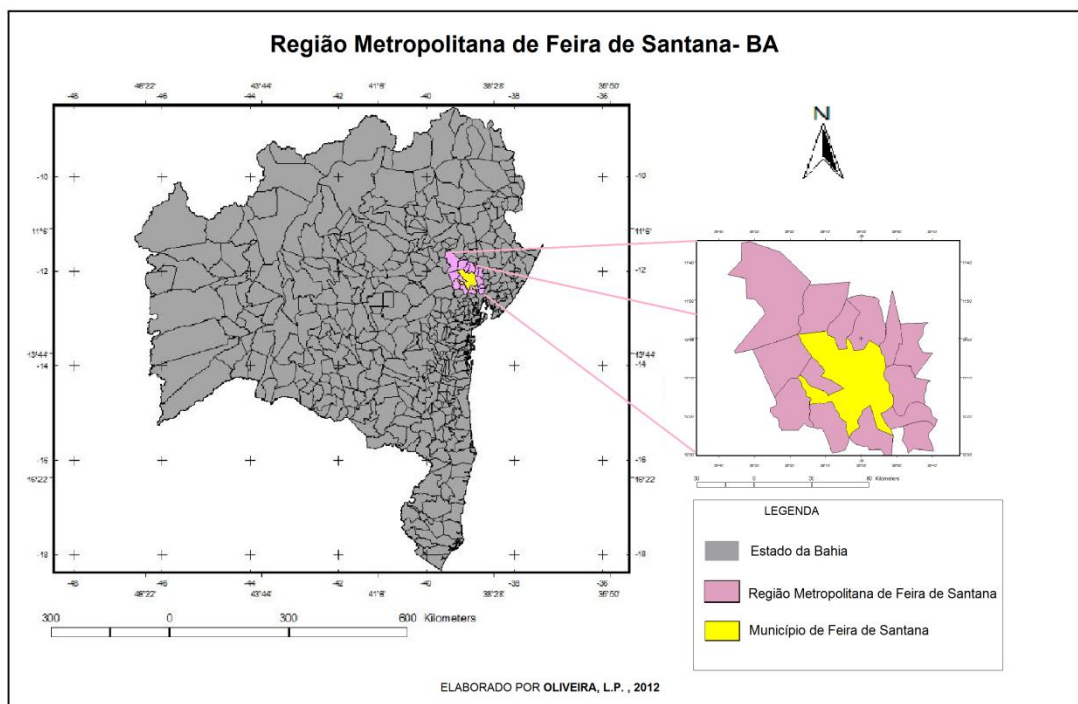
Feira de Santana é considerada a maior cidade do interior do estado da Bahia. E, por conta do número da sua população, (...) e da variedade de bens e serviços oferecidos na sua micro e mesorregião, se estabelece como importante cidade de médio porte baiana. Está localizada entre dois importantes domínios morfoclimáticos, a caatinga e os mares de morros que abrange o litoral baiano.

Com a implantação do Centro Industrial do Subaé - CIS, a cidade ganha novos ares e os aspectos identitários passam a ser encarados como ultrapassados. As reformas urbanas atendiam à concepção que a elite feirense entendia e visualizava de cidade moderna. A ordem da classe dominante era a de destruir e (re)construir edifícios, abrir avenidas e implementar novos símbolos de modernidade no desenho urbano. Freitas (1998) constata que o CIS, apesar de contar com equipamentos modernos, não se configura como o principal setor da economia local:

Não se pode negar a importância do CIS para o processo de industrialização da cidade e a capacidade que este dispõe de exercer atração populacional, mesmo não sendo o setor mais significativo da economia feirense. O aparecimento de novos bairros, a partir da sua implantação em 1970 é um dos mais fortes indicadores do seu poder de atração, apesar de não possuir condições de absorver grande parte da mão-de-obra local ou migrante, pois é a partir desta década que se forma uma periferia urbana crescente em Feira de Santana, explicando que a cidade está propensa ao crescimento populacional (p.34).

Atualmente, Feira de Santana encontra-se com a população superior aos 500 mil habitantes e foi enquadrada em 2011 como uma Região Metropolitana (Fig. 2), a partir do decreto aprovado pela Assembleia Legislativa no dia 16 de junho, na forma da Lei Complementar nº 35, sancionada pelo governador Jaques Wagner – no governo no Estado da Bahia de 2007 a 2014.

Figura 2: Mapa da Região Metropolitana de Feira de Santana – BA.



Fonte: OLIVEIRA, Luciel Passos.

De acordo com isso, o processo de modernização se intensificou, tendo em vista as transformações na paisagem urbana. O desenho da cidade não para de ser remodelado, posto que a forma de distribuição residencial determinada pelos agentes privado e público, ou seja, os condomínios residenciais são os responsáveis pela criação de novos bairros, o que acarreta uma série de transtornos. O município não dispõe um Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal com a participação popular, com isso, o ordenamento territorial está sujeito as determinações dos grupos hegemônicos, os quais decidem de que forma devem projetar o uso e ocupação do solo.

A Geografia Escolar e formação de sujeitos socioculturais: alguns elementos para debate

A escola é um espaço que tem em sua característica fundamental a diversidade cultural. No caso do nosso artigo, que trabalha com jovens, temos que considerar os impactos da globalização nesse grupo, já que a pós-modernidade tem uma intensa atuação na construção das identidades⁴ dos jovens.

É inegável a influência dos elementos culturais dos países hegemônicos na sala de aula, como por exemplo, os aparelhos tecnológicos, as vestimentas, o vocabulário, as músicas entre outras características, como afirma Cavalcanti (1999, p.21): “Quanto aos jovens, têm um jeito de se vestir, um corte de cabelo, uma linguagem, um modo de portar-se, e até gestos que homogeneízam comportamentos e excluem o diferente.”

O processo de globalização interfere também na construção da identidade docente dos professores, posto que esses enfrentam na sala de aula um ambiente caracteristicamente multicultural⁵, o qual possui uma infinidade de temas, tais como: gênero, raça, novas formas de comunicação, exclusão social, manifestações culturais.

Em relação aos profissionais da área da Geografia, o conhecimento teórico de tais temas é indispensável para o desenvolvimento das aulas. Os assuntos relacionados à cultura global e local precisam de um destaque, já que em muitos casos os professores priorizam apenas um dos dois. Acaba-se por reproduzir falas limitadas onde a diversidade é justaposta em função do geral.

O ambiente escolar não deve ser entendido como um conjunto de realidades igualitárias, homogêneo. A escola contém um grande arcabouço da diversidade cultural, visto que cada aluno é único, detentor de realidades e vivências distintas.

A partir da compreensão de que trabalhamos em um local no qual lidamos com realidades diversas, cabe a nós, educadores produzir um *currículo*⁶ que possibilite conhecer melhor os nossos alunos. Entendemos que por meio da valorização do conhecimento extra classe que cada aluno transporta consigo, poderemos identificar os temas geradores das nossas discussões, como afirma Freire (1982)⁷. Para ele, a valorização do vivido é a chave principal para a libertação do ser humano.

Esse processo de valorização da cultura local é um aliado para a Geografia Escolar, pois a produção e reprodução do espaço geográfico perpassam por questões culturais locais. Em muitas cidades como, por exemplo, Feira de Santana-Bahia, os jovens não têm acesso às áreas históricas de seu município, já que em muitos casos essas construções foram substituídas por lojas comerciais ou estacionamentos⁸.

Com o intuito de formar sujeitos socioculturais a Geografia, segundo Kaercher (1999) deve preocupar-se com o “espaço vivido”. Cavalcanti (2007) também afirma que os conhecimentos geográficos são apreendidos na realidade dos educandos. Com isso, o aluno deve buscar na sua realidade aspectos que sejam relacionados com os assuntos discutidos na sala de aula. Seria essa uma das maneiras de possibilitar a construção dos conceitos. Sobre isso, Cavalcanti (2005, p. 198) esclarece que é por meio do:

Encontro/confronto da Geografia cotidiana, na dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da Geografia científica, (...) que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido. (...), implica ter como dimensão do conhecimento geográfico o espaço vivido, ou a Geografia vivenciada cotidianamente na prática social dos alunos.

Com a valorização do espaço de vivência torna-se mais compreensível para o aluno o motivo pelo qual ele estuda Geografia, pois quando ele consegue empregar o que foi estudado em sala de aula na sua rotina pode-se concluir que dois pontos foram alcançados: aprendizagem significativa e a construção dos conceitos.

Todos os autores abordados até então procuram a valorização do vivido, mas o que será esse vivido? Entendemos a “valorização do vivido” de acordo com o conceito de “lugar, que é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado” (CAVALCANTI, 1998, p.90).

No entanto, ao analisarmos o lugar na contemporaneidade, sobretudo com o advento da globalização, notamos os problemas locais se tornaram globais, visto que a homogeneização

acentuou as diversidades e os deslocamentos nas esferas das relações sociais. De acordo com isso podemos entender porque as identidades estão cada vez mais mistas, com influências de várias partes do globo.

Cidade: Imbricações entre as culturas locais e as culturas globais

Nas discussões envolvendo o ensino da Geografia destaca-se a sua importância na formação do cidadão enquanto indivíduo atuante e crítico da sua realidade. No entanto, nos questionamos: Quais os assuntos que a ciência geográfica deve abordar na sala de aula para que os alunos se identifiquem enquanto cidadãos?

A princípio destacaremos a análise da cidade, a qual ganha ênfase nos pressupostos teóricos de Carlos (1999). Para essa autora, a cidade possui uma dinâmica complexa e acelerada, a qual modifica as relações sociais, isso de acordo com o desenvolvimento de cada localidade. As transformações possuem características quase que exclusivamente excludentes, pois a cultura local sofre interferências das inovações introduzidas de acordo com a complexidade adquirida por cada pólo urbano.

As cidades passam a ser o foco das atuações capitalistas, o consumo é intensificado e a imagem é a constatação do poder financeiro. Os valores criados no urbano são adquiridos pelos jovens e as pessoas passam a ser tratadas de acordo com a sua ascensão social. A mídia tem grande participação na perpetuação desse sistema excludente, visto que direciona as suas produções para o público específico, principalmente crianças e jovens que, desde cedo, são estimulados a consumir. De acordo com Cavalcanti (1999, p. 21):

As pessoas são tratadas de forma diferenciada em função de sua aparência, das roupas que vestem, do carro que dirigem, lugares onde passam as férias, restaurantes que freqüentam, cartões de crédito que usam. Até as filas de banco são diferenciadas pelo uso do cheque especial. A mídia produz um modo de vestir e de se sentir dentro de determinada roupa; (...) O homem passa a ser visto, avaliado e respeitado a partir de uma aparência produzida. São valores urbanos e a sociedade urbana que os impõe.

Nesse sentido a cidade deve ser encarada não de forma generalista, mas como um espaço excludente e de reprodução das desigualdades sociais. Cabe ao professor demonstrar ao aluno que a cidade pertence a ele e que o mesmo deve participar em coletivo pelas melhorias.

Na maioria das vezes que se discute cidadania em sala de aula os professores tendem a elencar algumas características do senso comum que simplificam o conceito, como por exemplo:

“cidadão é aquele que não joga papel na rua”; “cidadão é aquele que não quebra os orelhões”; “cidadão é aquele que não picha os muros dos órgãos públicos e privados”. Ser cidadão é lutar pelo bem coletivo, pelas melhorias nos serviços públicos, cobrar dos políticos as suas promessas nas campanhas. De acordo com Benevides (1998) apud Cavalcanti (2002, p.51):

Cidadãos ativos são mais do que titulares de direito, são criadores de novos direitos e novos espaços para expressão de tais direitos, fortalecendo-se a convicção sobre a possibilidade, sempre em aberto, da criação e consolidação de novos sujeitos políticos cientes de direitos e deveres na sociedade.

São várias as características que determinam o fato de ser um cidadão atuante, mas ao transpor essas discussões para o nosso município, Feira de Santana, e precisamente direcionar ao objetivo desse artigo, precisamos destacar a importância da valorização da materialização da cultura no centro urbano. Ser cidadão também perpassa por essa questão, pois o grupo social que não consegue identificar a sua origem, a cultura de seu povo, a história e a construção do espaço geográfico da sua cidade, não conseguirá reivindicar os direitos de toda a população.

A materialização da cultura no espaço urbano sob a ótica dos alunos: Achados da pesquisa

Considerando que o aluno é um agente social e que seu espaço de vivência é de suma importância para a construção do seu conhecimento, bem como da aprendizagem de conceitos científicos, aplicamos um questionário para alunos do ensino fundamental, o qual tinha como premissa inferir sobre a percepção dos educandos das materializações culturais existentes no espaço urbano do seu município. Antes de analisarmos as respostas dos questionários é imperativo falar sobre cultura⁹.

O conceito de cultura deriva do conceito de natureza. Historicamente o conceito é oriundo do rural e provoca a dialética entre o artificial e o natural. A ideia de cultura está ligada a de liberdade, bem como a de faculdades superiores e inferiores do ser. Enquanto indivíduos detentores de capacidade auto-reflexiva nos diferimos da natureza por ser possível a auto-reinvenção¹⁰.

A palavra cultura possui uma gama de significados, fruto do interesse de ciências distintas, o que impossibilita uma definição única acerca do conceito. Tomando por base o senso comum, cultura compreende as manifestações de hábitos e valores de um povo que são perpetuados

historicamente. Tal concepção segue o pensamento de Kupper (2002, p.288) que aborda cultura como:

Uma questão de idéias e valores, uma atitude mental coletiva. As idéias, os valores, a cosmologia, a estética e os princípios morais são expressados por meio de símbolos e, portando-se o meio é a mensagem - cultura podia ser descrita como um sistema simbólico. Os antropólogos americanos também salientam que esses símbolos, essas idéias e esses valores aparecem numa gama de formas quase infinitamente variável.

A Geografia Cultural, em semelhança ao entendimento de Kupper, investiga os costumes de um povo, bem como as simbologias e a materialização cultural tendo como base pressupostos teóricos como "espaço e religião; espaço e cultura popular; espaço e simbolismo; paisagem e cultura; percepção ambiental e cultural; espaço e simbolismo" (CORRÊA, 1995, p. 03).

De modo geral os 50 alunos que responderam ao questionário não apresentaram dificuldade em explicar o que entendiam como cultura. Um número de 50% das respostas definiam cultura como tradição, manifestação, arte, costume de um povo atrelado a festas, religiões ou música. Cerca de 20% das respostas trataram cultura como educação e/ou refinamento. Os outros 30% alegaram não saber definir, ou deixaram a questão em branco.

A maioria das respostas têm base no senso comum e, embora estejam próximas das concepções científicas, carecem de reflexão. De certa forma, o aluno responde intuitivamente e não aprofunda sua análise por não possuir o entendimento sobre o conceito, tendo em vista que apenas a disciplina Arte aborda superficialmente a cultura, ainda que somente como sinônimo de arte.

Ao serem indagados se conseguiam identificar construções humanas, que fazem parte da cultura feirense, existentes no trajeto de suas respectivas residências até o colégio, 60% dos educandos apontaram o Centro de Cultura Amélio Amorim – tal questão se deve, em parte, ao fato de grande parte dos alunos da escola residirem próximos a esse local -, 30% apontaram igrejas, viadutos e o Mercado de Arte e 10% dos alunos citaram casas antigas, viadutos e o prédio da Prefeitura.

O Centro de Cultura Amélio Amorim foi apontado pela maioria dos educandos como a principal construção humana que faz parte da cultura de Feira de Santana em virtude da finalidade do local ser uma referência na cidade, já que o mesmo é palco de espetáculos de teatro e música, além de exposições de arte.

Quando questionados sobre manifestações culturais que representavam Feira de Santana, 70% dos alunos apontaram o vaqueiro, as feiras, o centro de abastecimento, o mercado de arte, a

capoeira e o pagode. Cerca de 20% apontaram a pista de skate situada na Avenida Getúlio Vargas, o prédio da Prefeitura e a Igreja da Matriz. Os demais não reconheceram nenhuma manifestação que fosse representativa da cultura da cidade.

As respostas dos alunos representam a percepção dos mesmos acerca da cidade e suas construções históricas e culturais. Embora não possuam base teórica para discutirem amplamente o conceito de cultura ou identificarem com mais precisão elementos culturais materializados na cidade de Feira de Santana, os educandos identificaram elementos existentes no espaço feirense que perduram há anos e que, muito embora não sejam locais que os alunos circulam e vivenciam com frequência são percebidos pela maioria e constituem signos culturais da cidade.

Considerações finais

Através da leitura dos textos relevantes para a produção deste artigo e da análise dos questionários percebemos que os alunos sentem-se mais seguros para debater questões quando há uma quebra da barreira entre o educador e o educando e a valorização da realidade de cada um. Cabe a nós professores utilizarmos as diferenças como ponto positivo, como suporte para a compreensão e respeito ao outro.

A nossa cidade, sofre com a intensificação do processo de urbanização, o qual tende a suplantar a cultura local com os grandes empreendimentos, e a super valorização da cultura de outras localidades. Muitos objetos históricos foram destruídos para ceder espaço para empreendimentos. Estamos em processo de perda das rugosidades¹¹ características do nosso espaço. Com isso, intensifica-se o processo de exploração dos nossos jovens, os quais são influenciados pelos valores urbanos de consumo.

Constatamos nas respostas dos questionários que os sujeitos de uma determinada escola pública de Feira de Santana conseguem identificar a materialização da cultura do seu lugar de vivência. Não analisam o que se reproduz ao seu redor, mas ainda que intuitivamente, reconhecem cristalinidades existentes.

Mais uma vez entendemos que os docentes podem contribuir ao passo em que trabalhem em sala de aula o local mostrando aos alunos que eles são fundamentais na reprodução social e que a cidade pertence a eles e não a uma pequena parcela da população.

Notas

¹Questão sinalizada nas produções acadêmicas da Lurdes Bertol Rocha (2008).

²Almeida e Rocha (2008) defendem que o mundo-vivido seria: “portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam mercadorias ideias, pessoas, informações.”

³Quanto à sua forma de abordagem, ela é do tipo quanti-qualitativa. Quantitativa, por considerar que as informações e as opiniões podem ser traduzidas em números, e que a partir desta quantificação podem ser classificados e analisados. Qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (GIL, 1991).

⁴Nesse trabalho adotamos as ideias propostas por Hall (2005) por defender que a *identidade* é algo dinâmico, mutável o que viabiliza o surgimento de novas identidades.

⁵Assim como Maclaren (2007) entendemos o multiculturalismo como uma forma de introduzir no *currículo* das escolas questões que problematizem as diversidades sociais, de gênero e étnicas.

⁶Na obra “Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo”, o autor Tomaz da Silva (2007) afirma que o currículo tem o objetivo de modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo.

⁷Freire (1982) defende na sua obra “Pedagogia do Oprimido” que trabalhar com os elementos da cultura local dos educandos é a forma mais adequada para a superação da divisão da sociedade em classes.

⁸Como sinaliza AZEVEDO (2010) em sua dissertação de mestrado, intitulada “Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas - um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009”, defendida no Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade no ano de 2010.

⁹Indicamos a obra “Cultura: um conceito antropológico” do autor/pesquisador Laraia (1997) como um excelente material referente ao estudo do conceito de cultura.

¹⁰Inferência representada por Kroeber (1949) presente na obra de Laraia (1997)

¹¹Santos (1988) utiliza a terminologia rugosidade para se referir a qualquer construção humana.

Referências

AZEVEDO, Livia Dias. **Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas - um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade - PPGDCI) - Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS: Feira de Santana, 2010. 182 f.

AZEVEDO, Livia Dias. OLIVEIRA, Lysie dos Reis. **Recortes de imagens urbanas da cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil**. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina – PR, 03 a 06 de maio de 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 4^o edição – São Paulo: Contexto, 1999.

CAVALCANTI, Lana de S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia.** Campinas, CAD. Cedes, n. 66, vol. 25, mai/ago, 2005.

_____ **Geografia e praticas de ensino:** Lana de Souza Cavalcanti. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____ **Geografia da Cidade: a produção o espaço urbano de Goiânia.** Editora Alternativa, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro: ed.uerj/ NEPEC, 1995.

_____ **Geografia Cultural: Um Século (2).** Rio de Janeiro: eduerj, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana: influencia da industrialização 1970 - 1996.** 1998. 189 p Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3º ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopez. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia.** 3ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KUPPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos.** Bauru: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 11. ed Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo critico.** Sao Paulo: Cortez, 1997.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana.** Salvador, Ba: Ed. Itapuã, 1968.

ROCHA, Lurdes Bertol. ALMEIDA, Maria Geralda. Algumas reflexões sobre cultura, território, e mundo-vivido na abordagem da geografia cultural. **REVISTA GEONORDESTE.** São Cristovão. Universidade Federal de Sergipe, 2008, n° 2, p. 125-142.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000.